

LOBOLO SUSCITA DEBATE POPULAR

N. 3
12
83

Em Gaza, a preparação da Conferência da OMM está a suscitar um debate, particularmente em torno do lobolo que divide opiniões: os mais jovens estão abertamente contra; mas os mais velhos defendem a manutenção daquela prática.

Para os mais jovens o lobolo é uma velharia que deve ser substituída pelo conceito mais saudável do amor, único elo em que acreditam poder basear-se a unidade da família. Os mais idosos, porém, não estão tão certos que esse amor venha a substituir as obrigações que o lobolo acarretava. Para eles, o lobolo é ainda a melhor garantia de protecção à família recém-criada e, sobretudo, uma protecção à jovem mulher que inicia, sem grande amparo, uma nova vida. Alguns sabem que o sistema do lobolo é falível e moralmente difícil de defender. Mas, ainda não estão convencidos que outras formas de compromisso social podem ser mais vantajosas.

Mas existem outras razões: para alguns a educação das filhas é um investimento que não pode ficar «improdutivo». Há que pagar por aquilo que os pais deram às suas filhas.

Para outros ainda o único problema que se põe é o preço hoje praticado pelo lobolo. Não é o princípio moral que está em causa: discute-se, como se estivesse no mercado o preço da felicidade de um ser humano.

De qualquer das formas, a negação do lobolo é um combate de mentalidades e, por isso, leva o seu tempo. As medidas administrativas pouco resultam. Há que convencer, há que persuadir. Os jovens trazem uma nova maneira de viver, e será essa nova mentalidade que vai vencer. A superação do lobolo, como prática ligada à sociedade tradicional, extinguir-se-á à medida que uma nova organização económica e social vai nascendo nas zonas rurais do nosso País.

O nosso repórter Lourenço Jossias, colheu dados sobre este debate, a decorrer em Gaza, no quadro dos preparativos da Conferência da OMM.

Considerado várias vezes e em diferentes ocasiões como um mal social, o lobolo é uma manifestação cuja prática é ainda defendida por um bom número de pessoas. Durante a visita que a brigada central da OMM efectuou a seis distritos da Província de Gaza, este facto foi constatado a par da defesa da redução de preços «que são muito elevados».

Porém, nos mesmos distritos, os jovens levantam-se contra o lobolo, uma vez que, para estes, ele é um entrave ao casamento e à felicidade que querem construir.

Quando a brigada central da OMM chegou a Manjacaze para se inteirar do trabalho desenvolvido no âmbito da preparação da Conferência da OMM, foi advertida de que o lobolo é algo que é defendido por um número considerável de pessoas. Ficou-se com a ideia de que o sentimento era apenas da população daquele distrito.

Porém, esta ideia dissipou-se quando, depois de concluir a digressão pelos seis distritos, em todos constatou-se esta posição. Nas reuniões populares organizadas para a discussão dos problemas da mulher, o lobolo é o tema que ocupa um lugar privilegiado em termos do interesse que desperta.

Nas localidades e nas aldeias comunitárias, a população é convidada a pronunciar-se sem influência de ninguém, nem das brigadas da OMM, nem dos responsáveis das aldeias e das localidades.

Segundo soubemos junto das brigadas que em vários distritos de Gaza

dirigiram as reuniões populares, o lobolo devida as opiniões das populações. Enquanto uns estão a favor do fim, a maior parte, no entanto, afirma sobre o assunto que o lobolo «é um valor que se conquistou ao longo dos tempos».

O seu argumento principal é de que esta prática antiga «é a única forma através da qual se estabelecem normas e obrigações para ambas as famílias que pretendem juntar-se».

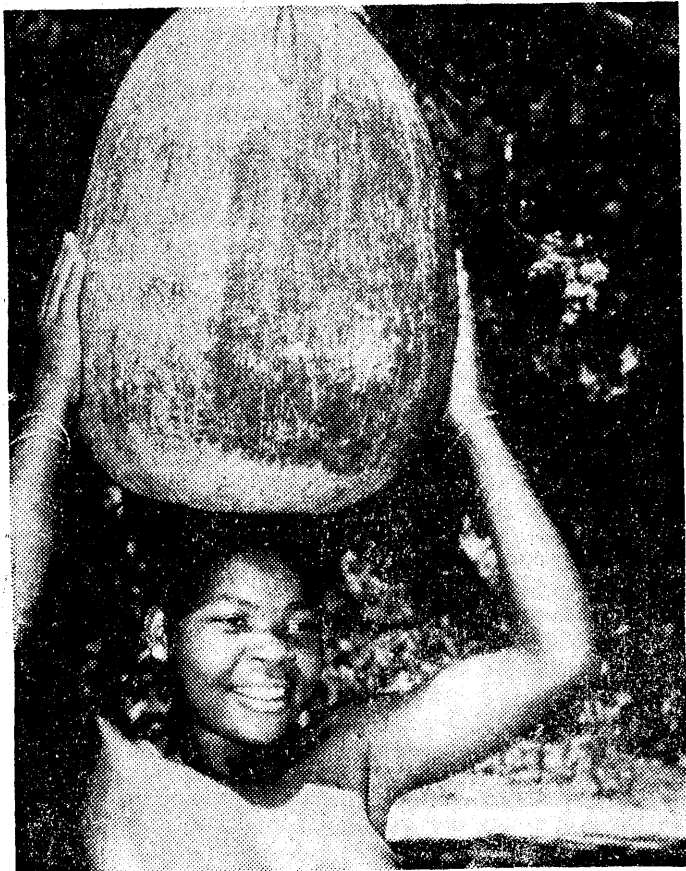
«É o lobolo — afirmou um homem na Localidade de Macuácu, em Manjacaze — uma forma de gratificar os pais da noiva, que durante anos a fio, encarregaram-se de educá-la».

As pessoas que em Gaza defendem a continuação da prática do lobolo, são essencialmente homens e mulheres já adultos, que dizem não haver motivo que possa justificar o fim dum valor que se «preserva» desde há vários anos.

Com efeito, para este grupo de pessoas, não existe nenhum mal no lobolo. «A única mancha nesta manifestação são os preços que se foram avolumando», dizem.

Se se estabelecer um preço mínimo — dizem — o lobolo poderia ser uma gratificação simbólica mas com valor importante, tanto para os familiares da noiva como do noivo. Em Gaza, aqueles que defendem a continuação do lobolo não consideram que o acto seja propriamente a venda dum mulher.

Em sua opinião, o problema do comércio dum mulher surge apenas



O peso da tradição sobre a mulher na nossa sociedade, está em foco nos muitos debates que preparam a Conferência Extraordinária da OMM. (Foto de Carlos Alberto)

a partir da altura em que os pais exigem preços fabulosos para o seu futuro genro.

Dando livremente a sua opinião sobre o tema, a população idosa de Gaza considera que muitos dos problemas do lar existentes actualmente, são provocados por um vazio que se criou, mal se falou do fim do lobolo. A partir dessa altura, houve famílias que de facto deixaram de exigir lobolo. Mas, dizem, os «problemas do desrespeito da mulher em relação ao marido aumentaram».

Nos distritos da Província de Gaza, a parte da população que defende a continuação do lobolo, dizendo que esta prática, é «um importante compromisso para a mulher», que respeitando o dinheiro depositado pelo seu marido junto dos pais, «comporta-se bem».

JOVENS NÃO QUEREM LOBOLO

As reuniões populares realizadas em Gaza mostraram, no entanto, que nem todos estão de acordo com a continuação do lobolo. Segundo as brigadas que em Manjacaze, Chibuto, Guijá e Bilene-Macia orientaram as discussões populares, a maioria dos jovens manifestou a opinião de que o

lobolo é «outra forma de humilhação, que faz sofrer a mulher na ilusão de estar a servir melhor o seu novo lar».

Para este grupo de pessoas, que vai sendo cada vez mais numeroso, já não serve o argumento de que o lobolo seja um valor. Para os jovens, principalmente, o valor é o amor entre duas pessoas, as boas relações e o entendimento tanto entre o casal como entre os seus pais. Esse é o verdadeiro valor por preservar e que não provoca nem divórcios nem degradação social.

Entrave principal para quem tem o projecto de se casar, o lobolo é rejeitado pelos jovens de Gaza, que não veem hipótese de responder às exigências dos pais das jovens. Para este grupo, o lobolo é «uma coisa para acabar», independentemente do significado que tenha tido no passado, onde era uma forma de ligar duas famílias.

As reuniões populares promovidas pela OMM, têm demonstrado o interesse que os problemas sociais da mulher despertam. A grande participação numérica e em ideias, é mais que uma simples prova, mas a vontade de se verem esses problemas resolvidos.